

Há razões de sobra para sair à rua. Saberão os sindicatos aproveitá-las?

Meio milhão de pessoas no desemprego, 10 mil em “lay off” e precariedade crescente. Neste cenário, poderá este 1º de Maio adquirir um novo fôlego?

RAQUEL MARTINS
raquelmartins@negocios.pt

O desemprego já afecta quase meio milhão de pessoas em Portugal, 10 mil trabalhadores estão com os contratos suspensos (“lay off”) desde o início do ano, os despedimentos colectivos aumentaram, a precariedade laboral continua a crescer. E as perspectivas para o próximo ano não são muito diferentes: o Fundo Monetário Internacional espera 600 mil desempregados, um número inédito em Portugal, e uma contracção económica de 0,5%. Este cenário de crise tornará o Dia do Trabalhador, assinalado a 1 de Maio, um dia diferente?

Os sociólogos ouvidos pelo **Negócios** consideram que há razões de sobra para trabalhadores e desempregados saírem à rua e manifestarem a sua indignação perante as consequências da crise, dando ainda mais sentido à efeméride – que marca a luta dos trabalhadores por melhores condições de trabalho. Contudo, alertam, os sindicatos não souberam tirar proveito da conjuntura e o mais natural será as pessoas juntarem-se espontaneamente às manifestações ou através de movimentos criados à margem dos sindicatos.

“A vontade de contestação é crescente. Há um acumular de tensão e de descontentamento entre a

classe trabalhadora, muito afectada pelo desemprego e que se depara com um emprego cada vez mais ameaçado”, realça o sociólogo do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Elísio Estanque. O investigador frisa que “estão criadas as condições para que surjam mobilizações espontâneas” que devem ser analisadas com atenção pelo poder.

Também Alan Stoleroff, sociólogo do Instituto de Ciências Sociais, do Trabalho e da Empresa (ISCTE), garante que “razões não faltam” para as pessoas saírem à rua e tem como certo que a crise vai dominar os cartazes e as palavras de ordem.

Sindicatos pouco originais nos apelos à manifestação

Mas ao contrário do que seria de esperar, parece que os sindicatos não souberam tirar proveito da conjuntura para mobilizarem os trabalhadores. Para Elísio Estanque isso decorre da crise que se vive também no movimento sindical.

Já Alan Stoleroff, que estuda o sindicalismo português há mais de duas décadas, mostra-se surpreendido quando analisa os documentos oficiais já divulgados pela CGTP e pela UGT, que este ano participa pela segunda vez na manifestação do 1º de Maio desde o Marquês de Pombal até aos Restauradores.

Tanto num caso como no outro,



Crise renova sentido do 1º de Maio | Aumento do desemprego e dos despedimentos aproxima trabalhadores do século XXI dos q

Surpreende-me que a linha oficial das centrais sindicais não dê realce à crise, que vai estar muito presente nos “slogans”.

ALAN STOLEROFF
Sociólogo

a palavra “crise” está praticamente ausente dos programas. “Surpreende-me que a linha oficial das centrais sindicais não dê realce ao tema, quando a crise vai, certamente, estar muito presente nos slogans”, sublinha Stoleroff.

De todas as formas, a crise acabará por sair à rua. A garantia é dada por João Proença, líder da UGT, que recusa que a central esteja alheada da crise e realça que a mensagem do 1º de Maio passa por “vencer a crise, defender os desempregados e o emprego”.

Já a CGTP vai centrar o seu discurso no lema “mudar de rumo, dignificar os trabalhadores”, e garante que “milhares de trabalhadores, reformados e jovens sairão às ruas”.



PERGUNTAS A...

● **BOAVENTURA DE SOUZA**
SOCIÓLOGO E PROFESSOR NA FACULDADE DE

“É o sentimento de injustiça q

Como vê as manifestações que têm ocorrido nos últimos tempos em vários países europeus, nomeadamente na Grécia, França e até em Espanha?

Estas manifestações decorrem do facto da crise estar a atingir estratos amplos das classes médias, que eram a base de sustentação dos governos europeus. Por outro lado, os meios habituais de contestação – os sindicatos e a oposição política – estão em crise. Os sindicatos estão com um poder de negociação reduzido, em resultado do modelo neoliberal que se impôs ao longo dos últimos anos, e que também impediu que a oposição se reforçasse e desenvolvesse o seu papel.

Em Portugal corre-se o risco de ha

ver manifestações semelhantes? A crise económica poderá espoletar a revolta?

No caso de Portugal, o que tem impedido a ocorrência de rebelião é a sociedade civil fraca que temos, que não criou raízes de organização a partir de baixo.

Mas o desemprego crescente – o FMI fala numa taxa de 9,6% em 2009 e de 11% em 2011 – pode levar a um aumento da contestação?

A crise vai agravar-se, isso é certo. Mas o facto que desencadeia uma revolta é o sentimento de injustiça. Se os portugueses sentirem que enquanto muitos estão a partilhar os efeitos da crise, outros beneficiam com ela – se isso se tornar muito visível – isso vai dar-lhes força para se revoltarem. Daí



e desencadearam a luta por melhores condições de trabalho em 1886 nos Estados Unidos.

IDEIAS-CHAVE

UM POUCO POR TODA A EUROPA SUCEDEM-SE MANIFESTAÇÕES CONTRA O ENCERRAMENTO DE EMPRESAS

1 ALEMANHA RECEIA MOVIMENTOS RADICAIS

Na Alemanha o governo receia que a crise favoreça a eclosão de movimentos radicais semelhantes aos que surgiram nos anos 30. A revisão em baixa das perspectivas económicas (ver página 22) poderá levar a reacções mais fortes por parte de grupos de anarquistas, comunistas e radicais, nos próximos meses, alertou ontem um politólogo, citado pelo "Financial Times".

2 FRANCESES SEQUESTRAM DIRECTORES DE EMPRESAS

Em França, o aumento do desemprego, que cresceu mais de 20% no último ano, levou a um aumento da tensão social. Nos últimos dois meses o desespero levou os trabalhadores a sequestrar os dirigentes de empresas que anunciaram despedimentos ou o encerramento. Em Grenoble, quatro responsáveis da filial francesa da Caterpillar foram sequestrados pelos empregados após o anúncio da supressão de mais de 700 postos de trabalho. O mesmo sucedeu na empresa de adesivos industriais

Scapa e no grupo de transporte FM Logistic.

3 SINDICATOS EM ESPANHA OCUPAM FÁBRICAS

Em Espanha, as manifestações contra o encerramento de empresas têm-se sucedido desde o início do ano, com algumas a ficarem marcadas pela violência. Já em Abril, sindicalistas e trabalhadores ocuparam, de forma pacífica, as fábricas da Renault em Sevilha, Valladolid e Palência para pressionar a direcção da empresa a manter a produção em Espanha. No primeiro trimestre de 2009 o desemprego afectou mais de quatro milhões.

4 GRÉCIA NO EPICENTRO DA CONTESTAÇÃO

No final do ano passado, a Grécia saltou para as páginas dos jornais pelas piores razões. Manifestações violentas contestavam a morte de um jovem às mãos da polícia, mas escondiam por trás um problema mais profundo agravado pela crise económica: uma geração de jovens formados com fracas perspectivas de emprego e de futuro.

5A SANTOS

DE ECONOMIA DE COIMBRA

ue pode desencadear a revolta”

que a justiça fiscal e a luta contra a corrupção sejam muito importantes neste momento.

Exige-se uma grande atenção da área da justiça para mostrar que o crime não compensa. Daí também a importância de acabar com o sigilo bancário. É fundamental que os indivíduos e as empresas sejam submetidos ao escrutínio público. Embora devam ser criadas ressalvas para o cidadão comum, deve determinar-se um patamar a partir do qual o sigilo bancário deve acabar.

E além dessas, que outras áreas devem ser prioritárias neste contexto?

Todas as áreas que sirvam de almofada à crise social para que as pessoas não entrem em estado de desespero. É importante que as pensões não desvalorizem e que os

subsídios de desemprego tenham alguma capacidade para cobrirem mais população. É fundamental ainda Portugal acarinhar a agricultura de subsistência, que é a grande almofada das famílias nos meios rurais.

As medidas do Governo vão no sentido certo e são suficientes?

É difícil dizer. As medidas ainda não estão a ter efeito na sociedade. Este Governo, assim como outros, partiu muito da ideia de se passar do paradigma do "welfare" para o "workfare". O Governo é muito subsidiário do emprego, através da promoção das grandes obras. Devia pôr-se mais ênfase na questão social. Se assim não for haverá manifestações. **RM**

